

Consagra-se a arte abstrata, nas mãos de mestres como Manabu Mabe e Samson Flexor. Populariza-se a gravura. Surgem galerias e "marchands" para o novo mercado.



Mário Cravo Júnior, 1953.



Maria Bonomi, 1959.



Genaro de Carvalho, 1957.

Nos primeiros dez anos de existência, a Bienal pôs a arte brasileira em dia com a produção internacional. Não faltaram episódios cômicos: no *stand* da França na segunda Bienal, o escultor Henri Georges Adam apresentou a estátua *O Morto*, "um homem jogado no chão, patético, a mão enorme, desfigurado, lívido". O povo que desfilou diante dessa obra depositou moedas de 50 centavos, 1 cruzeiro e até passes de bonde. De qualquer forma, as principais tendências internacionais começaram a ter representantes entre nós. As artes plásticas ganharam seções especializadas nos principais jornais; surgiram *marchands* e galerias — e a arte transformou-se também em investimento. "As leis do mercado (...) não perdoam: a arte, uma vez que assume valor de câmbio, torna-se mercadoria, como qualquer presunto". (Mário Pedrosa.) Ganharam *status* as artes industriais, como a gravura, cultivada por artistas como Darel Valença, Maciej Babinski e Maria Bonomi. Uma corrente internacional ganha terreno: o Abstracionismo. Ainda durante a Segunda Guerra, havia surgido na Europa e nos EUA artistas que se afastavam da cópia da natureza, "como a confirmar a tese de Wilhelm Worringer, de que a linguagem abstracionista é a dos povos em crise, horrorizados com a própria imagem e buscando uma arte liberta das formas e das cores naturais". (José Roberto Teixeira Leite, crítico.) Ainda em 1953, realizou-se no Hotel Quitandinha, em Petrópolis (RJ), a primeira Exposição Nacional de Arte Abstrata, da qual participaram artistas como Antônio

Bandeira, Fayga Ostrower e Lígia Clark (recém-chegada da Europa, onde estudara com Léger). O crítico Mário Pedrosa, que participara do júri da segunda Bienal, já em 1948 defendia a arte abstrata em sua tese *Teoria da Afetividade na Forma*, apresentada no Rio de Janeiro. Influenciado por ele, o pintor Almir Mavignier declararia: "O conteúdo de uma forma não se encontra na sua associação com as formas da natureza, mas no caráter próprio da forma". O Abstracionismo acabou dividindo-se em duas correntes — a geométrica e a informal. Aderiram à vertente geométrica artistas como Ivan Serpa (discípulo de Mário Pedrosa), Hélio Oiticica (uma de suas fases lembra Mondrian), Lígia Clark (esculturas em placas de metal articuladas com dobradiças) e Abraham Palatnik (adepto da arte cinética, que dá ilusão de movimento). Esse tipo de abstracionismo chegou a influenciar pintores figurativistas como o Volpi da fase das bandeiras e das linhas retas. A corrente informal filiaram-se mestres como Manabu Mabe, japonês radicado em São Paulo, que aderiu ao Abstracionismo em 1957, criando grandes superfícies em que as cores geram formas quase ideográficas, regidas por uma sensibilidade requintada, que funde com poesia Oriente e Ocidente. O romeno Samson Flexor, que inicialmente cultivava o Abstracionismo Geométrico, acabou também aderindo ao informalismo, pintando quadros com um mesmo tipo de mancha e variando apenas as cores, usadas com requintadíssima sensibilidade.

Além de abstratos como Flexor e Mabe, estavam consagrados nos anos 50 figurativos como Pancetti (autor de marinhas, considerado o maior paisagista brasileiro) e Heitor dos Prazeres (sambista, parceiro de Noel Rosa e pintor primitivo, que mostra gente de toda cor confraternizada em serenatas e cirandas). Ficaram famosas também as esculturas de Mário Cravo (que usava sucata de automóvel para compor formas abstratas) e as tapeçarias de Genaro (criador de formas ingênuas, que lembram Kandinsky). Outro artista emergente era a gravadora Maria Bonomi, adepta do Abstracionismo Geométrico.